

Aprendizagem autorregulada de crianças no piano – Um estudo de caso

Karoline Nascimento Neves
Universidade de Brasília
piano.profkarol@gmail.com

Ricardo Dourado Freire
Universidade de Brasília
frereri@unb.br

Resumo: O presente artigo consiste em um estudo de caso que busca compreender as formas de manifestação da aprendizagem autorregulada de uma aluna de piano com idade de 9 anos e 5 meses em uma escola particular de Brasília. A proposta parte de questões sobre a estimulação da aprendizagem autorregulada na construção de performances musicais para crianças, a partir da reflexão sobre quais aspectos estão envolvidos neste processo em contextos de sala de aula e nas sessões de práticas de estudos em casa. Como estratégia metodológica, foram utilizadas anotações e gravações das aulas e episódios observados pela professora. Este estudo traz importantes reflexões para a prática docente do piano para crianças em fases iniciais de aprendizado musical, uma vez que a compreensão do processo de ensino e aprendizado pelo aluno é fundamental para toda a construção musical posterior.

Palavras-chave: Performance infantil, Barry Zimmerman, aprendizagem autorregulada.

Young Piano Student Self-Regulated Learning – a case study

Abstract: This article consists of a case study that seeks to understand the manifestations of self-regulated learning of a piano student aged 9 years and 5 months in a private school in Brasília. The proposal starts from questions about the stimulation of self-regulated learning in the construction of musical performances for children, from the reflection on which aspects are involved in this process in classroom contexts and in home study practice sessions. As a methodological strategy, notes and recordings of classes and episodes observed by the teacher were used. This study brings important reflections to the practice of piano teaching for children in the early stages of musical learning, since the understanding of the teaching and learning process by the student is fundamental for all subsequent musical construction.

Keywords: Children's performance, Barry Zimmerman, self-regulated learning.

Introdução

No contexto da performance musical é notável que múltiplos fatores podem influenciar na forma em como se executa uma peça musical e como é possível otimizar as ações no âmbito da aprendizagem para que essa possa ser aprimorada. Atualmente, muitas discussões e pesquisas científicas têm demonstrado a correlação da expertise musical ao autoconhecimento dos processos de cognição e à própria regulação da aprendizagem do indivíduo. Mais precisamente, o conhecimento sobre a metacognição e autorregulação nos processos de ensino e aprendizagem tem revelado ser uma importante ferramenta na construção de performances musicais mais significativas e eficazes.

A capacidade de monitorar e controlar o próprio processo de aprendizagem é uma importante ferramenta para a conquista de altos níveis de performance musical. No entanto, ainda há um predomínio da aprendizagem conservadora, no qual o professor é o centro das atenções e o aluno um receptor passivo do conhecimento (BENNETT, 2008 apud McPHERSON et al 2018). Essa hierarquização e assimetria do processo de ensino e aprendizagem tende a reduzir o espaço do diálogo entre professores e alunos para reflexões sobre sua prática, interferindo diretamente na motivação e qualidade musical (McPHERSON et al, 2018).

O objetivo deste artigo foi realizar um estudo de caso para identificar processos de autorregulação de uma criança na idade de 6 a 8 anos durante o seu processo de iniciação da

aprendizagem do piano. Os dados foram coletados entre Fevereiro de 2020 e Junho de 2023, abrangendo o início das aulas antes da pandemia, o monitoramento das atividades durante o período de pandemia e a transição para as aulas presenciais no período final da pandemia. Foram selecionados episódios de aulas e a análise do caderno de anotações de uma aluna para identificar aspectos de autorregulação e metacognição no processo de aprendizagem do piano.

Cognição, metacognição e autorregulação

Cognição significa “conhecer”, processo este que envolve o recebimento da informação (entrada) e produção da informação (saída). Os processos cognitivos incluem o compreender, prever, resolver, raciocinar e imaginar e são diversos os tipos de informações processadas, como por exemplo sistemas de símbolos, compreendendo textos, operações matemáticas etc. De acordo com Gardner (1985) e Thompson (2007), a cognição está diretamente relacionada às dimensões emocionais, afetivas e motivacionais do conhecimento e teorias mais recentes desenvolveram uma nova perspectiva chamada “cognição incorporada”, reconsiderando o papel da experiência e o impacto do ambiente na cognição humana, no qual estados mentais, intuições e pensamentos são afetados pelo trabalho mente - corpo na experiência com o mundo externo (WILSON, 2002 apud CONCINA, 2019).

A metacognição está presente em áreas de pesquisa como psicologia do desenvolvimento, envolvendo a teoria da mente; psicologia experimental e cognitiva. O processo metacognitivo foi descrito por Flavell, em 1979, como o conhecimento e a consciência sobre a cognição e seus processos, sendo caracterizada por quatro aspectos: conhecimento metacognitivo, experiências metacognitivas, objetivos e estratégias. Estes aspectos se inter-relacionam e evoluem ao longo da vida, contribuindo para a autorregulação dos processos de aprendizagem (CONCINA, 2019). O conhecimento metacognitivo consiste no conhecimento declarativo armazenado na memória e envolve processos cognitivos de linguagem, da memória, entre outros. Abrange também informações sobre como o indivíduo processa e executa uma tarefa, assim como informações a respeito da tarefa, estratégias e objetivos. As experiências metacognitivas são a consciência e os sentimentos do indivíduo ao se deparar com uma tarefa e processar suas informações. (EFKLIDES, 2008).

Autores como Berk (2003), Veenman & Spaans (2005) e Veenman et al (2004) verificaram que as habilidades metacognitivas surgem a partir dos 8 aos 10 anos de idade e se desenvolvem ao longo do tempo, sendo que algumas habilidades, como o monitoramento e planejamento, necessitam de mais tempo para o amadurecimento. Já Whitebread (1999 apud VEENMAN; VAN HOUT-WOLTERS; AFFLERBACH, 2006) revelou em sua pesquisa que o comportamento de crianças pequenas, com aproximadamente 5 anos de idade, pode conter elementos de orientação, planejamento e reflexão quando as tarefas são apropriadas aos seus interesses e níveis de compreensão.

O conceito de autorregulação foi proposto por cognitivistas sociais em 1982 e consiste na regulação comportamental e emocional influenciando no controle dos processos cognitivos e, com o aumento no foco dessa nova perspectiva, criou-se o termo aprendizagem autorregulada, um modelo alternativo de aprendizagem que combina elementos da metacognição e da autorregulação (CHEUNG, 2020). Dentre vários modelos de aprendizagem autorregulada na literatura, destacam-se os de Barry Zimmerman (2000), Pintrich (2004) e Winne & Hadwin (1998). Resumidamente, o primeiro modelo consiste em três estágios (premeditação, desempenho e autorreflexão), sendo influenciados por processos cognitivos e afetivos; o segundo, em quatro fases (premeditação, monitoramento, controle e reflexão) com foco em aspectos motivacionais, de eficácia e orientação para os objetivos e; o terceiro também em quatro fases (definição da tarefa, estabelecimento de metas e planos de aprendizagem, aplicação de estratégias e adaptação).

Os modelos de Zimmerman e de Pintrich possuem enfoque em influências sociocognitivas e o de Winne & Hadwin em processos cognitivos, como por exemplo, a memória (CHEUNG, 2020). Enquanto a autorregulação é compreendida como o processo cognitivo desenvolvido através de estratégias de aquisição e aperfeiçoamento de habilidades de automonitoramento e autoavaliação do músico, a metacognição constitui o controle dos processos cognitivos que se objetivam a melhora da qualidade do aprendizado da performance (ALVES & FREIRE, 2013).

Metodologia

O presente estudo de caso foi realizado com uma aluna da uma escola particular de piano que se localiza em Brasília. A aluna iniciou seus estudos de piano aos seis anos, em janeiro de 2020 e, com a finalidade de manter sua privacidade, ela será referida neste estudo pelo nome de Clara.

No histórico das aulas, foram realizados cinco encontros presenciais antes do lockdown devido à pandemia de covid-19 e, durante março de 2020 a dezembro de 2021, as aulas seguiram o formato remoto, retomando ao presencial em fevereiro de 2022. Ao longo das aulas remotas, por iniciativa própria, a aluna fez anotações sobre seus estudos, quais músicas e como estava praticando em casa, informações estas também utilizadas nas análises deste estudo. Para as análises, foram realizadas gravações de performances musicais da aluna em sala de aula e em casa, além de gravações de algumas aulas.

Anotações das aulas de piano

A primeira aula, 29/01/2020, aconteceu no formato presencial e foi solicitado à família o uso de um caderno para anotações das aulas e de como treinar em casa, uma pasta para guardar as músicas e um caderno musical pautado para que a aluna pudesse fazer seus desenhos musicais. Ao longo das primeiras aulas, foi combinado com a aluna a prática em casa, com um mínimo de 3x de repetição para cada música ou exercício. Com o início da pandemia, as aulas seguiram no formato online, com a mãe ou o pai presente. As apresentações foram realizadas por videoconferência a cada encerramento de bimestre com a participação de todos os alunos. No ano de 2021, ainda com as aulas remotas, a irmã mais nova de Clara iniciou as aulas de piano e, posteriormente, foi realizado um trabalho para que as alunas pudessem tocar juntas.

Quando as aulas retornaram ao presencial, ao ter acesso ao caderno de anotações, foi verificado que a aluna, por livre iniciativa, anotou todos os combinados realizados em cada uma das aulas durante o período remoto. As primeiras anotações feitas pela aluna, a partir de março de 2020, indicam a escrita das posições das mãos de algumas músicas, o nome da música e quantas vezes iria tocar cada uma delas. No semestre seguinte (2/2020), já foi possível observar uma nova informação presente em suas anotações, como o trecho que precisava melhorar, o que precisava melhorar (por exemplo: “a parte dos acordes”) e informações da partitura para não esquecer (por exemplo: “ritornello”). Foi possível notar também uma preocupação em tocar com mais clareza, nas anotações da aluna: “tocar bem direitinho”.

Em uma de suas anotações no final do segundo semestre, a aluna escreveu os nomes das notas no caderno da mão esquerda e, logo abaixo, anotações da mão direita, além de observações das partes que se repetiam na música. Aqui, foi possível notar sua análise na partitura, o que repetia e o que não. Ainda no final deste primeiro ano das aulas, observou-se uma preocupação da aluna no fazer musical mais consciente, como: “prestar atenção”, “tocar devagar”, “olhar para a partitura sempre que tiver dúvida”, “cuidado com a mão de caratê” e seu foco às músicas das apresentações.

No início do segundo ano, foi possível observar anotações para o treino de pequenos trechos de algumas músicas com repetições, antes de tocar a música inteira e quais eram os trechos que precisavam melhorar da partitura, além de sua atenção ao andamento musical, “mais devagar”, “mais rápido” e posicionamento da mão no piano. É possível observar que essa mudança na maneira de anotar da aluna, com mais detalhes sobre o que precisava melhorar, os trechos para se ter mais atenção etc., está envolvida com uma maior consciência sobre sua execução musical e planejamento de estratégias de estudo que podem ter sido desenvolvidas ao longo das aulas, de forma maturacional.

Para Zachariou e Whitebread (2019), a abordagem maturacional concentra-se em dois aspectos do comportamento autorregulatório, como habilidades de monitoramento e de controle. Estudos indicam que as habilidades de monitoramento são estabelecidas razoavelmente aos 9 anos de idade e as habilidades de controle ainda se desenvolvem após os 9 anos. O desenvolvimento do monitoramento pode ser compreendido como um processo maturacional, o qual depende da idade e, na maioria das vezes, não é afetado pelo desenvolvimento da habilidade. Já o desenvolvimento do controle está diretamente relacionado com o desenvolvimento da habilidade.

Episódios das aulas

Em 2023, foi realizada uma versão a quatro mãos para as irmãs tocarem “Oh Susana” de Stephen Foster. Nesta música, Clara ficou com o piano 1 e a irmã com o piano 2, sendo o piano 1 com melodia na mão direita e acordes no contratempo da mão esquerda.

Após algumas aulas, Clara diz: - “Aprendi um pedacinho com meu pai de como tocar essa música só nas teclas pretas”, então começa a tocar, finaliza a música, e comenta: - “Na verdade, tem uma notinha branca...”. A professora pergunta se ela notou as diferenças entre as formas de tocar e Clara menciona: - “Eu achei mais alegre, e eu também aprendi a tocar essa música de outras formas também”. Clara começa a tocar o tema em várias tonalidades diferentes. Algumas, procurando as notas certas pelo som, fazendo alguns ajustes com notas que percebeu soar diferente.

Segundo McPherson & Davidson (2002; 2006 apud McPHERSON, 2009), desde cedo, as crianças são capazes de desenvolver atitudes de resiliência, crenças e expectativas sobre sua aprendizagem através da interação parental. Os pais exercem um papel fundamental no desenvolvimento da autorregulação e trabalho autônomo de seus filhos, além de influenciar no grau em que as crianças se tornam metacognitivas, motivadas e ativas na sua própria aprendizagem (McPHERSON & ZIMMERMAN, 2002, apud McPHERSON, 2009).

Para Alves (2013), a motivação parental é um importante fator que proporciona maior foco no aprendizado e melhores resultados musicais, uma vez que a preparação de uma performance requer o controle de processos cognitivos complexos e é uma habilidade desenvolvida a longo prazo. Alves observou que a motivação parental foi um aspecto relevante na introdução da criança ao universo musical e que, uma vez motivados extrinsecamente por seus pais, houve o momento em que essa motivação transitou para a motivação intrínseca, direcionada para o estudo musical.

Na situação descrita acima, Clara aprendeu de ouvido a música que estava iniciando em sala de aula em uma nova tonalidade a partir da curiosidade em tocar a música nas teclas pretas do piano que foi incentivada pelo seu pai e, com isso se sentiu motivada a explorar novas sonoridades para a música. O envolvimento do pai foi um importante estímulo para que a aluna se encarregasse dos próximos desdobramentos de sua aprendizagem e estivesse cognitivamente mais envolvida no fazer musical.

Na aula com a música “Bicicleta”, de Toquinho e Mutinho, Clara ficou com o piano 1 e a irmã com o piano 2. A música foi arranjada em dó maior, 2/4. O piano 1 com melodia

dividida nas duas mãos, com alguns trechos de duas notas juntas variando com a mesma mão e uma nota para cada mão.

Após algumas aulas, foi combinado uma brincadeira musical com palmas e canto da introdução da música com as irmãs. A primeira etapa foi encaixar o canto com as palmas, elas tentaram algumas vezes, até perceberem que estavam em sincronia. Depois, foi o momento em que foi preciso conectar a brincadeira musical com a execução no piano.

Inicialmente, as alunas estavam cantando mais rápido do que estavam tocando. Foi questionado se elas haviam percebido alguma diferença entre o andamento da brincadeira e o tocar da música. Num primeiro momento, relataram que não haviam notado, então foi solicitado para que fizessem novamente. Após a segunda execução, alguns ajustes no andamento foram realizados por parte das alunas. Quando disseram que estavam cantando mais rápido em relação à execução musical ao piano, a professora pergunta qual o ajuste que precisa ser feito e ambas respondem “Cantar e tocar na mesma velocidade”. Na primeira tentativa não foi possível manter andamentos iguais, mas já tinha ficado mais próximo o andamento da brincadeira e da música. O equilíbrio entre as performances aconteceu naturalmente ao longo das aulas seguintes. Quando as alunas estavam bem concentradas, notou-se que esse ajuste foi mais eficaz.

Para os autores Zachariou e Whitebread (2019) em seu estudo com crianças entre 6 e 8 anos, o jogo musical é uma atividade potencialmente fértil para o afloramento da autorregulação no contexto infantil pois envolve interação com outras crianças, sincronia, ouvir, permite exploração, improvisações e criações sonoras. Ao se envolver em uma atividade que a criança considera brincadeira, seu comportamento muda e se torna facilitador de comportamentos autorregulados ampliando seus potenciais de aprendizagem (HOWARD, 2010). Nesta pesquisa, os autores evidenciaram um aumento quantitativo do comportamento autorregulado nas crianças entre 6 e 8 anos, com a presença de atividades de monitoramento emocional/motivacional e de planejamento, identificando também uma maior presença da autorregulação, correção e autorregulação socialmente compartilhada nas crianças de 8 anos. Em um outro estudo com jogos musicais com crianças entre 6 e 7 anos, Zachariou & Whitebread (2017, apud ZACHARIOU et al, 2023) identificaram, dentre as autorregulações observadas, a verificação da criança se estava seguindo o caminho certo, a autocorreção quando um erro era cometido (monitoramento cognitivo), a demonstração da compreensão de suas próprias emoções e dos outros e o compartilhamento da regulação com as crianças envolvidas no jogo.

Observou-se que trabalhar com duetos foi um importante mecanismo de autorregulação para as alunas, pois uma precisava ouvir a outra e trabalhar em conjunto para a música acontecer. Essa regulação é promovida em várias perspectivas do fazer musical, como sonoridades, o ouvir mais consciente, ritmos e sincronia, possibilitando uma participação ativa na construção da aprendizagem.

Aulas para desenvolvimento de composição

Em 2023, foi desenvolvido o tema “Eu, compositor”, quando foram reservados momentos para criatividade musical durante as aulas de piano. A professora solicitou que Clara experimentasse melodias em casa e que trouxesse algumas das ideias que tivesse gostado. Na aula seguinte, Clara mostrou melodia na mão direita e acordes na mão esquerda, iniciando o processo de construção de uma composição própria. A professora identificou duas ideias musicais presentes no repertório trabalhado anteriormente. Um exemplo em estilo próximo à música “Candore” (opus 100, Burgmüller, 25 estudos) (Fig. 1) e outro exemplo no estilo de finalização do acompanhamento de “Minueto em Sol” (Bach) (Fig. 2).



	
<p>Trecho de “Candore” de Burgmüller, 25 estudos op. 100.</p>	<p>Trecho de “A canção da eternidade”, após sugestão de encadeamento de acordes.</p>

Fig 1. Exemplo 1



	
<p>Trecho final de composição de Clara</p>	<p>Finalização de frase de “Minueto em Sol” - Bach</p>

Fig 2. Exemplo 2

Após apresentação na aula, Clara foi questionada sobre como utilizar novos elementos para apresentar a ideia musical de forma diferente, e respondeu: -“A gente pode fazer assim, olha ...”, e demonstra com um toque mais leve, ora um toque mais pesado. A professora apresenta exemplos com modificações e Clara identifica prontamente: -“... mudou o ritmo e depois tocou no agudo...”. Nas aulas seguintes, Clara consolidou a peça e a professora iniciou o processo de transcrição. Colocou a sugestão de executar apenas duas notas nos acordes para Clara ouvir, que refletiu e disse: -“Prefiro assim, com duas notas. Ficou mais leve... menos cheio. Ficou mais bonito.” A partir da definição e escrita da partitura, a professora apresenta a música de duas formas: uma sem expressão e outra repleta de nuances e dinâmicas. Depois pergunta qual a versão ela gostou mais e Clara responde que gostou mais da segunda, pois “ficou mais bonito”. A professora sugere que o momento agora era para ela testar várias possibilidades e escolher o que ficasse mais legal para tocar.

A composição consiste em uma organização de ideias musicais, que pode ser concebida a partir de improvisações ou dentro de regras e princípios estilísticos. De acordo com Swanwick (1979; 1994; 1992 apud FRANÇA; SWANWICK 2002) é uma importante ferramenta que permite o relacionamento direto com o material sonoro e o exercício da tomada de decisão expressiva por parte do aluno. McPherson e McCormick (1999) em seu estudo envolvendo os componentes motivacionais e autorregulatórios da performance musical identificaram que o tempo que os alunos utilizavam para a prática envolvendo as atividades informais/criativas, o repertório e o trabalho técnico eram proporcionais à qualidade do seu envolvimento cognitivo. Concluindo também que o maior envolvimento cognitivo durante a prática não apenas resultou em maior tempo de estudo, mas também mais eficiência e interesse na aprendizagem (MCPHERSON; RENWICK, 2001).

Ao compor, são estabelecidas as relações tímbricas, de texturas, ritmos, ordenações sonoras, a forma como uma música deverá ser executada e como deve ser apresentada aos ouvintes (KASCHUB & SMITH, 2009). A composição musical trata-se de um processo

complexo, dinâmico e não linear que envolve intenção, experimentação, revisão e edição de ideias que, utilizada como estratégia de aprendizagem, possibilita o pensamento e a compreensão musical.

Considerações finais

Este estudo apresenta interações entre criança e professor durante diversos momentos das aulas de piano e apresenta reflexões sobre o processo de aprendizagem de uma criança em fases inicial no piano. É fundamental considerar que múltiplos elementos estão envolvidos na estimulação de uma aprendizagem autorregulada em crianças, compreendendo desde um ambiente rico de oportunidades musicais em casa, quanto em sala de aula.

As anotações do caderno realizadas pela própria aluna foram um elemento importante para a análise deste estudo. Estas, que iniciaram apenas com o nome das músicas e quantas vezes eram necessárias tocar cada uma delas, com a evolução das aulas, passaram a ter informações mais aprofundadas dentro do contexto de cada música e das dificuldades a serem resolvidas. Este hábito, iniciado nas aulas presenciais pela professora e continuado durante a pandemia pela aluna, demonstrou ser mais significativo para seu aprendizado, pois parte da própria aluna a reflexão sobre a sua performance e em quais aspectos precisavam melhorar para que os treinos em casa fossem mais eficazes.

O piano é um instrumento de prática solitária e poucas são as vezes em que práticas em conjunto são promovidas com iniciantes. A partir das observações realizadas com as duas irmãs, é possível perceber o quão rico essas práticas em conjunto são na promoção da autorregulação musical, no qual a criança planeja mais conscientemente sua performance, se regulando com outro a partir da escuta atenta, trabalhando sonoridades e ritmos que contribuirão para o aprimoramento da qualidade musical. Além das práticas em duetos, as brincadeiras musicais também possibilitam a interação entre os alunos e, para as crianças, torna a atividade musical mais lúdica e motivadora.

Outro elemento importante é o espaço para atividades criativas em sala de aula e o fomento dessas práticas em casa. Essa atividade trabalhada em forma de composição permite à criança a manipulação dos materiais sonoros com a criação de ideias musicais, fraseados, ritmos, sonoridades e a tomada de decisões em como e quando utilizar esses elementos sonoros. Os momentos de composição foi um espaço no qual a aluna pôde tomar suas decisões sobre como gostaria de executar suas próprias ideias, além de ter mais espaço para a exploração de sua criatividade. Apesar das nuances sonoras estarem presentes no repertório trabalhado ao longo das aulas, foi possível notar que a aluna as adotou com mais clareza em sua própria composição, além de utilização de ideias musicais e variações de músicas anteriores já trabalhadas em aula.

Considerar a autorregulação do aluno no processo de ensino e aprendizado é fomentar atividades no qual os alunos possam refletir sobre seu próprio processo de aprendizagem e é um elemento chave que irá contribuir para toda a construção musical posterior. É importante fomentar uma aprendizagem que dê oportunidades para as crianças pensarem e agirem sobre a tomada de decisões. As crianças possuem comportamentos autorregulados que precisam ser constantemente incentivados, cada uma dentro do seu contexto, dentro de suas possibilidades e, o olhar atento do professor, propiciando mais oportunidades para o aprimoramento do comportamento autorregulado é fundamental para a consciência do processo de aprendizagem e para que as crianças saibam como aplicar em seus estudos em casa.

Referências

Alves, Anderson César; Freire, Ricardo Dourado (2015). Aspectos cognitivos no desenvolvimento da expertise musical. *ANAIS DO PERFORMA2013*, p. 1-8, 2015.

- Cheung, Jo Yee (2020). The role of parents in children's metacognition and self-regulation during musical learning. Tese de Doutorado. Awarded for a Collaborative Programme of Research at the Royal Northern College of Music by Manchester Metropolitan University.
- Concina, Eleonora (2019). The role of metacognitive skills in music learning and performing: theoretical features and educational implications. *Frontiers in Psychology*, v. 10, p. 1583.
- Efklides, Anastasia (2008). Metacognition: Defining its facets and levels of functioning in relation to self-regulation and co-regulation. *European Psychologist*, v. 13, n. 4, p. 277-287, 2008.
- França, Cecília Cavalieri; SWANWICK, Keith. (2002) Composição, apreciação e performance na educação musical: teoria, pesquisa e prática. *Em Pauta*, v. 13, n. 21, p. 5-15.
- Kaschub, Michele; Smith, Janice P. (2009) A Principled Approach to Teaching Music Composition to Children. *Research and Issues in Music Education*, v. 7, n. 1, p. n1.
- Mcperson, Gary E. (2009) The role of parents in children's musical development. *Psychology of Music*, v. 37, n. 1, p. 91-110.
- Mcperson, Gary E.; Renwick, James M. (2001) A longitudinal study of self-regulation in children's musical practice. *Music education research*, v. 3, n. 2, p. 169-186.
- Parncutt, Richard; Mcpherson, Gary (Ed.). (2002) *The science and psychology of music performance: Creative strategies for teaching and learning*. Oxford University Press.
- Veenman, Marcel Vj; Van Hout-Wolters, Bernadette Ham; Afflerbach, Peter. (2006) Metacognition and learning: Conceptual and methodological considerations. *Metacognition and learning*, v. 1, p. 3-14.
- Zachariou, Antonia et al. (2023) Exploring the effects of a musical play intervention on young children's self-regulation and metacognition. *Metacognition and Learning*, p. 1-30.
- Zachariou, Antonia; Whitebread, David. (2019) Developmental differences in young children's self-regulation. *Journal of Applied Developmental Psychology*, v. 62, p. 282-293.